

Edgar Morin, a dialogia de um Sapiens-demens



EDGARD DE ASSIS CARVALHO

Adentrar nas cavernas do homem, nos insondáveis e inesperados caminhos da alma parece ter sido a energia que impulsionou o pensamento de Edgar Morin a incursionar pelos labirintos da complexidade, um trabalho das e sobre as contradições sociais, culturais, políticas, subjetivas que caracterizam o mundo e a vida. Trata-se de um movimento dialógico, hologramático e recursivo empreendido sobre o sistema-mundo que permite entrever o movimento das partes sobre o todo e do todo sobre as partes.

Há idéias nucleares em toda a obra. A mais central é a da unidualidade do homem, um ser físico e metafísico, natural e meta-natural, cultural e metacultural que se estabeleceu no cosmo há cerca de 130 mil anos e que possibilitou a um pequeno bípede, com um cérebro muito assemelhado ao de um

chimpanzé, criar uma cognição cultural que o afastou da ordem estritamente biológica, caracterizada pela universalidade dos instintos. No tempo, essa singularidade acabou por fazer com que a cultura fosse entendida como algo apartado da natureza, ainda que mediações, como a proibição do incesto, o trabalho, a linguagem, procurassem estabelecer a passagem das compulsões biológicas às diversidades criativas propiciadas pelo modelo cultural universal. Entender o homem como um vivente cosmo-psico-bio-antroposocial implica devolvê-lo ao império da natureza, sem retirá-lo da república da cultura, descentrá-lo de sua superioridade, para reinseri-lo na diáspora cósmica universal.

Por isso, sua autonomia de ser-sujeito deve ser dissecada nos fundamentos da *physís* e do *bios*. Falar em sujeito

autônomo implica reconhecer sua auto-organização, produto da própria organização biopsíquica. Implica, igualmente, definir o homem como um ser totalmente biológico e totalmente cultural. Diante dessa dupla articulação, é forçoso reconhecer que o *Sapiens-demens* é capaz de edificar noologias que circundam a vida das idéias, do espírito e da própria sociedade.

Mesmo assim, a animalidade continua a ser a marca fundamental de qualquer indivíduo vivo, seja ele uma bactéria, um rinoceronte, uma ameoba, ou um *Homo sapiens*. Qualquer indivíduo é sujeito na medida em que faz referência a si, e a não-si, reorganiza o ecossistema, produz *autopoiesis*, num movimento organizatório recursivo em que causas e efeitos interagem mutuamente, impulsionando o sistema para outras direções. Essa auto-eco-organização do sistema vivo nutre-se de acasos, tensões, contradições, erros, que o reordenam de modo mais complexo, como se a relação ordem-desordem-reorganização, cercada de antagonismos, complementaridades e concorrências estabelecesse uma dispersão em espiral na configuração do todo.

Embora a formulação dos “pressupostos” da epistemologia complexa só viesse a se sistematizar no pensamento moriniano a partir dos anos 1960, eles já se encontram cimentados nos trabalhos da década anterior, com as desavenças da morte, a magia do cinema, as epifanias do “*star-system*”, que põem a nu a “desordem sapiential originária”.

Nossas personalidades não vivem nunca numa democracia plena. Subme-

tem-se a forças tirânicas incontidas, a pulsões desenfreadas, que lutam por se tornar dominantes e atuantes, para caotizarem o ser-sujeito ou para imprimir-lhe novas reorganizações. Nesse equilíbrio/desequilíbrio entre ordem/desordem é que se tecem todas as “projeções-identificações” que constituem o mundo, a natureza e a matéria, uma rede na qual o real-em-si não dá mais conta da realidade, e isso porque real/virtual, real/mágico, real/imaginário impregam a totalidade das relações bioculturais.

A partir dos anos 1970, sua Antropologia fundamental passará a ter contornos mais claros, no sentido de modelizar a complexidade organizacional do fenômeno humano. Se algum fundamento deve ser buscado nesse macroobjetivo, ele deve estar situado numa profunda insatisfação com o conhecimento disjuntor, produto do grande paradigma do Ocidente, simplificatório, que, além de dualizar razão/imaginação, sujeito/objeto, liberdade/determinismo, sensível/inteligível, pensamento selvagem/pensamento domesticado, separa, hierarquiza, distingue, degenera o saber numa concepção mutilante. Esse paradigma, uma espécie de cânone, *mindscape*, constituído por princípios ocultos que comandam a ciência e a própria subjetividade, tornou-se hegemônico, determinista, hiperespecializando os diversos campos cognitivos em compartimentos não-comunicantes.

Muitas vezes já foi reiterado o significado etimológico da palavra complexo como aquilo que se tece em con-

junto, que reassocia o que está dissociado, que comunica o que está in-comunicável. Essa complexidade não é algo novo, identificado com o nihilismo, irracionalidade, pós-modernidade ou até com auto-ajuda, qualificativo que detratores e ressentidos se esmeram em murmurar nos frios corredores da academia.

Se a idéia adorniana de que a totalidade é a não verdade é recorrente na totalidade da obra, o desafio parece sinalizar a necessidade de civilizar as idéias, para que seja possível reorganizar todo o processo de conhecimento, dar novo sentido à vida, perceber que sociedade, cultura, cerebralização são aspectos de um mesmo processo de auto-organização complexificador. Mais que isso, as epifanias imaginárias e as desavenças da subjetividade não são meros epifenômenos, mas elementos constitutivos de um processo sócio-histórico que explicita, desde sempre, a unidualidade do *Sapiens-demens*.

Caminhando pelas margens da vida e do conhecimento, fiel à “concepção sintética de vida”, elaborada desde a juventude, Edgar Morin exhibe suas “partes malditas” (desordem) e “benditas” (ordem), sua unidualidade, num esforço de dialogizar sua própria singularidade/universalidade, traduzindo-a num panteão transdisciplinar de idéias que impõem uma reforma do e para o pensamento.

Como um bionauta, navegador empedernido da vida, era preciso meditar, refletir — e muito — sobre a *physis*, a biocosmologia, o acaso, a biopolítica, o cérebro, numa tentativa de compre-

ender a natureza da natureza, a vida da vida, o conhecimento do conhecimento, as idéias e as identidades, títulos dos cinco volumes publicados de *OMétodo*.

Se alguém procurar nesses cinco livros um receituário linear de procedimentos e técnicas de pesquisa, pode afastar-se de imediato da leitura. *La Methode* é uma viagem transversal através de blocos de saber, de metapontos de vista sobre os sistemas vivos, de relações cognitivas, éticas e estéticas que permitem equacionar uma política civilizacional para o planeta como um todo.

Resta saber se essa regeneração será efetivada a ponto de colocar um ponto final na idade de ferro planetária. Em 1994, Edgar nos convocava a assumir Sísifo como guia imaginário para nossas ações. Como se sabe, Sísifo foi condenado por Zeus aos Infernos, tendo como castigo rolar um rochedo até o alto de uma montanha, de onde a pedra sempre voltava a cair, em virtude de seu próprio peso. Essa tarefa que nunca dava descanso ao herói, nem lhe permitia fugir de seu vaticínio, deve ser a tarefa de todos aqueles que ainda acreditam que o caleidoscópio de suas vidas e suas idéias vale para alguma coisa.

Nos idos de 1995, em uma de suas peregrinações planetárias, foi ele a Sarajevo, cidade onde sérvios bósnios, muçulmanos e croatas se defrontavam pelo controle diabólico de um território que, a rigor, pertencia a todos eles. Na Universidade sitiada pronunciou um discurso em que enfatizava que os

atentados à cidade representavam uma agressão à alma do mundo e à pretendida reunificação européia. Lá foi reiterado que a idéia de nação é sempre matripatriótica; lá foi demonstrado que a fragmentação da Europa pós-comunista em conjuntos poliétnicos rivais representa um retrocesso à fraternização planetária; lá foi enfatizado que o destino europeu se encontra preso a uma luta titânica entre forças dissociativas e de ruptura e forças associativas, solidárias e confederadas. Essa luta não se restringe, porém, apenas a um local. Ela atravessa a rede planetária em seu conjunto, como que dominada pela dialogia da pulsão da vida e da pulsão da morte.

Ao intitular a homenagem aos seus 80 anos de *Edgar Morin, um humanista planetário*, a Unesco soube reconhecer e atualizar o adágio de Antônio Machado que acomete a todos aqueles que se sensibilizam com as infindáveis relações que os saberes culturais ainda terão que realizar: “Caminhante não há caminho, pois o caminho se faz ao andar”.

Recebido em 4/6/2002
Aprovado em 30/10/2002

Edgard de Assis Carvalho, professor do Departamento de Antropologia da PUC-SP.
E-mail: edgardcarvalho@terra.com.br